

As terras de quilombos

são territórios étnico-raciais com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias. Elas expressam a resistência a diferentes formas de dominação e a sua regularização fundiária está garantida pela Constituição Federal de 1988.

O Decreto 4.887/2003 define que o INCRA é o órgão federal responsável pela titulação dos quilombos, com competência concorrente do Distrito Federal, estados e municípios. Para fins de regularização fundiária, o INCRA elabora Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação (RTID) que reúnem informações fundiárias e cadastrais das famílias, bem como a caracterização antropológica, histórica, econômica e ambiental da área quilombola. Esse trabalho tem gerado um grande acervo de dados, registrando de maneira inédita um arcabouço de manifestações e características dos quilombos nos períodos escravocrata e pós-escravocrata.

O objetivo da parceria entre INCRA, NEAD (SEAD) e UFMG é sistematizar e dar publicidade às informações contidas nos RTIDs, em muitos casos ignoradas pela historiografia oficial. Esse material, registrado no âmbito dos processos administrativos do INCRA, foi transposto para uma linguagem acessível, com o apoio de diversos colaboradores, destacando-se os autores das etnografias dos RTIDs. Os livretos trazem também depoimentos dos próprios quilombolas. Eles testemunham a continuidade de uma luta fortalecida pela esperança de que o conhecimento de sua história garanta finalmente a compreensão da legitimidade de seu pleito pela titulação.

A publicação dos livretos visa, assim, a contribuir para o reconhecimento das comunidades quilombolas, estimulando a difusão de informações qualificadas sobre elas. Reunidas nesta Coleção, as histórias de resistência quilombola agora podem ser conhecidas mutuamente pelos quilombolas das diversas regiões do país. Espera-se também que este material forneça a gestores públicos, educadores, pesquisadores e demais interessados informações acessíveis sobre essas comunidades.



Comunidade Quilombola São Pedro

A Comunidade Quilombola de São Pedro está localizada na região serrana do Estado do Espírito Santo. O território quilombola distribui-se entre as divisas dos municípios de Santa Teresa, Fundão e Ibirapu, com a maior parte da área localizada nesse último. Em 2006, a comunidade era composta por 43 famílias, cujos ancestrais viviam nas terras desde o período pós-abolição da escravatura.

O povoamento da região que tornou-se município de Ibirapu começou no período pós-abolição, nas décadas finais do século 19, quando famílias negras pioneiras chegaram atraídas pela expectativa de conseguirem acessar terras disponíveis para moradia e trabalho, possibilitando um recomeço de vida, distante dos lugares onde sofreram com a escravidão. Esse período também foi marcado pelo povoamento por imigrantes italianos incentivados por políticas que favoreciam a vinda de europeus



para o Brasil. Essas políticas estavam relacionadas com o fim do sistema escravista, associadas a uma ideologia racista que atribuía superioridade ao povo europeu. O discurso predominante era de que a chegada de europeus no período pós-abolição seria uma alternativa para substituir o sistema escravista de produção, além de favorecer a civilização da nação que iniciava, por meio do “embranquecimento da população” - afinal, negros e indígenas eram vistos como povos atrasados.

Os italianos mais antigos na região chamavam a área de Ibirapu (que vai do Rio Lampê até a localidade de Piabas) de “terra de preto”, reconhecendo, com essa designação, a anterioridade da ocupação pelos negros. Os imigrantes implantaram diversas lavouras de café e a cafeicultura transformou-se em uma atividade de destaque na economia. Ao mesmo tempo, muitas das famílias negras sofreram a perda das terras onde habitavam, pois os imigrantes ampliavam as lavouras para dentro dessas terras, espoliando os negros e favorecendo para que muitos se tornassem mão de obra explorada nas plantações de café.

A comunidade quilombola de São Pedro originou-se nesse contexto, com a migração das primeiras famílias de negros provenientes de Minas Gerais e do sul do Espírito Santo para a região de Ibirapu. Ao se firmarem na região, foram construindo uma rede de solidariedade, e estabelecendo relações diversas com outras famílias negras e com famílias italianas e seus descendentes. Os quilombolas de São Pedro possuem, hoje, fortes laços baseados na identificação de um passado comum, no parentesco extenso, práticas e saberes ancestrais compartilhados, e em uma relação íntima com o território.

A comunidade vive em uma área de 289.637 hectares e reivindica, junto ao INCRA, uma área de aproximadamente 314,0707 hectares, reconhecidos como parte de seu território ancestral. Uma parte desse território, 31,85 %, está sobreposta com Áreas de Preservação Permanente (APP), o que acarreta muitos constrangimentos aos quilombolas. Em 22/11/2012, foi publicado o Decreto presidencial que autoriza a desapropriação das propriedades privadas que foram, ao longo de anos, se constituindo nas terras quilombolas de São Pedro. Em 20 de novembro de 2015, em um ato no Palácio do Planalto, foi entregue um Contrato de Concessão de Direito Real de Uso (CCDRU), aos quilombolas de São Pedro, de uma área de 38,47 ha. Agora a comunidade aguarda a finalização da titulação definitiva do seu território.

Origens do Quilombo

O Quilombo de São Pedro foi originado a partir do deslocamento de diferentes famílias negras que chegaram à região do atual município de Ibiracu, no período após a abolição formal da escravidão até a década de 1940. Eram famílias de origens distintas, mas que tinham em comum o desejo de afastamento dos lugares onde sofreram a escravização e a busca por terras que lhes propiciassem um recomeço de vida. As primeiras famílias vieram de Minas Gerais, depois chegaram famílias de Santa Leopoldina e da Serra, no Espírito Santo, e por último, famílias oriundas de Cachoeiro de Itapemirim (ES). Os descendentes dessas primeiras famílias migrantes compõem a comunidade quilombola atual cujas integrantes destacadas são: a Família Vicente, a Família Da Hora, a Família Cassimiro dos Reis, a Família Borges, a Família Paulo, a Família Vieira Machado, a Família Nascimento, a Família dos Santos, e a Família Mendonça.

O primeiro quilombola a chegar à região foi o Senhor Manuel Francisco do Nascimento. Seus netos, Senhor Manuel e Senhor Cícero, vivem ainda hoje nas terras do quilombo. Contam que cada família que chegava era inserida ao grupo que já se encontrava ali, e desse acolhimento, associado aos diversos casamentos que foram acontecendo ao longo do tempo, resultou a atual comunidade. Sr. Abílio Borges, descendente de uma das primeiras famílias que chegaram de Minas Gerais, conta sobre as motivações da migração de seus antepassados:

Quando vieram de lá para cá, vieram procurando terra para trabalhar, porque pra lá não tinha lugar pra trabalhar. Porque lá em Minas, na época, só quem tinha força eram tudo mandado pelo rei. Quando gritou a abolição do cativo eles se acharam tudo à toa e então os pais deles pegaram e vieram. Descobriram essas terras e vieram.

(Sr. Abílio Francisco Borges, 2006)

Os antepassados do quilombo foram chegando à região e ocupando terras desabitadas. Cada família que chegava tinha seu pedaço de terra demarcado a partir de um padrão de medida denominado “colônia”, que equivale a 05 alqueires. Depois de ocupar sua área, cada família fazia a derrubada da mata, construía sua casa e sua roça. Foi formado

assim um território único, subdividido em várias partes distribuídas para cada família. O recenseamento do IBGE do Estado do Espírito Santo, em 1920, apresenta uma relação dos proprietários negros dessas áreas rurais, que tinham portanto, sua posse reconhecida. As famílias que chegaram em períodos mais recentes adquiriram terras através de troca ou compra. A maioria dessas transações foram realizadas de maneira informal, sem o registro cartorial e emissão de recibos.

Cada família tinha, então, a posse de seu próprio pedaço de terra, e realizava também diversas atividades coletivas no território. Uma das mais lembradas pelos quilombolas era o chamado “ajuntamento”, reunião de trabalhadores feita com objetivo de abrir as matas, construir casas e plantar café conjuntamente. A construção da Igreja de São Pedro, no quilombo, foi resultado de um desses ajuntamentos. As festas eram outra prática que unia a comunidade. Entre elas, eram famosos os bailes e a folia de reis, que não acontecem mais, e também o congo, que ainda hoje é referência no quilombo como uma de suas principais manifestações culturais.

Os moradores mais velhos lembram das narrativas de seus antepassados sobre a ocupação do território. Senhor Bini Cassimiro conta que na época dos pioneiros, havia muita mata e fartura de caça. As famílias tinham boas plantações de banana, feijão, milho, cana, mandioca, entre outros. Há também muitas memórias sobre agressões cometidas por italianos, ocupantes de terras vizinhas ao quilombo. D. Maria, que chegou no território ainda criança, relata:

Era ruim! Chamava os outros de nego. De tudo que era coisa. Nem dos filhos dele ele não gostava muito. A gente ia pescar nesse córrego daí e ele juntava nós de pedra pra tirar a gente daí. Nós que não tínhamos medo dele. Nós não saíamos daí. Mas ele era ruim. (D. Maria Vicente, 2006)

Conflitos e perda de território

Ao longo dos anos a comunidade foi marcada por uma sucessão de perdas de áreas do território. Posseiros, principalmente italianos produtores de café, começaram a anexar áreas da comunidade. Os

quilombolas descrevem esses migrante antigos como “mais fortes” por terem acumulado muitas terras e possuírem melhores condições econômicas. Como explica Durval Vieira: *“os italianos tomavam mais terra dos outros... chegavam, vendiam umas coisas fiado, aí não conseguiam pagar, tomavam a terra.* Dona Maria Vicente relata como perdeu uma parcela de sua terra:

Tomaram um pedaço aqui de cima, derrubaram um pedaço de mata. Ali tudo faz parte dessa colônia. Aqui em cima... E lá em cima uma família italiana que derrubou um pedaço do nosso mato, da nossa terra. (Maria Vicente, 2006)

Como consequência das perdas, o território foi fragmentado, muitas famílias quilombolas migraram para outras regiões e as que ainda permanecem, ocupam uma extensão bem reduzida do território original do Quilombo de São Pedro. Outra consequência foi a necessidade de muitos quilombolas trabalharem em terras de outros proprietários, pois, em função da redução das áreas de cultivo, a produção própria passou a não ser suficiente para garantir o sustento das famílias. Além disso, o território quilombola, incluindo as áreas posteriormente consideradas Áreas de Preservação Permanente (APPs), têm sofrido um crescente impacto ambiental devido às atividades intensivas de pastagem, agricultura com uso indiscriminado de agrotóxicos e plantio de eucalipto, promovidas pelos fazendeiros da região, poluindo e comprometendo os recursos naturais do território quilombola.

Um episódio marcante na história de violências contra a comunidade diz respeito à Igreja de São Pedro. As atividades ligadas à igreja são centrais para o quilombo, como relata D. Tereza:

ela representa muita coisa para nós! Ali a gente faz festa, tem batizado, tem festa dia 12 de outubro para as crianças. Faz festa para o dia dos pais, dia das mães. É onde nós vamos. (D. Tereza, 2006)

No entanto, em 13 de novembro de 2004, um fazendeiro da região que já travou diversos conflitos com a comunidade, mandou seus funcionários invadirem a igreja e o barracão ao lado, onde eram feitas as reuniões do quilombo. Quebraram os bancos, as portas e a imagem de Nossa Senhora Aparecida. O homem alegava que aquela área era propriedade sua. D. Maria Da Hora relata o ocorrido:

Ele queria desmanchar a igreja... Ele quebrou ali tudo, o altar, as cadeiras. Ele arreventou tudo e quis machucar as meninas que tomavam conta da igreja. Então ali ele não queria festa. Então ficou sem festa ali. Que tem mais de cinquenta anos que tem a festa de São Benedito. (D. Maria Da Hora, 2006)

O crime foi denunciado pelos quilombolas e foi aberto um inquérito policial para investigação do caso. No entanto, as investigações foram paralisadas, alegando-se falta de pessoal e de condições de mobilidade da polícia local. A impunidade fez com que este fazendeiro continuasse exercendo uma série de violências contra os moradores de São Pedro.



Religiosidade, Congo e a Festa de São Benedito

Em maioria católica, a comunidade quilombola de São Pedro é especialmente devota a dois santos principais: Nossa Senhora Aparecida e São Benedito, que são tradicionalmente relacionados aos negros no Brasil. Os quilombolas costumam contar que esses santos foram escravizados e contribuíram para o fim da escravidão. D. Maria Da Hora relata uma dessas histórias:

A Princesa Isabel, sabe a Princesa Isabel? Ela estava pra ganhar uma criança, né... Então não tinha médico, não tinha ninguém que dava, mas isso já era um mandado de Nossa Senhora. Aí tinha uma escrava, bem preta, bem mais judiada que estava na turma né. Aí, tá, a princesa está lá, morre não morre... E a escrava lá, bem quieta. Aí quando chegou na última, que ela viu que a mulher ia morrer, então ela perguntou à ela se ela queria morrer ou queria ganhar o filho dela, ou queria sair para deixar os escravos livres, dar a liberdade. Aí [a princesa] falou que se ela desse a vida a ela, ela liberava os escravos, os pretos. Foi que a nega foi lá e fez o parto dela e ela ganhou um filho; aí ela deu a liberdade, que não havia mais escravo, que foi escravo que salvou ela. E essa escrava quem foi? Foi Nossa Senhora Aparecida!” (D. Maria Da Hora, 2006)

Existem duas bandas de congo bem antigas na região: a de São Pedro e a de uma comunidade vizinha chamada Piabas. O congo é a principal manifestação cultural do quilombo, e São Benedito, santo negro, é considerado santo do congo. As bandas de congo de São Pedro e Piabas são compostas por capitães e rainhas, que são cargos de autoridade, e também por sub-rainhas, dançarinas e os chamados conquistas. O rico saber envolvido no congo e a habilidade de tocar seus instrumentos são transmitidos pelos mais velhos aos mais novos. Os principais instrumentos são a casaca (instrumento de madeira, similar ao reco-reco) e os tambores denominados congo. Estão presentes também o pandeiro, o surdo, o tarol e o apito, que é usado pelo capitão e marca o ritmo das cantigas.

A festa de congo, ou festa de São Benedito, acontece ali há mais de 60 anos. Os quilombolas relatam que a tradição das bandas de congo vêm de seus antepassados:

Ah, isso daí foi do tempo do escravo, que inventaram a banda de congo... Eles que fizeram... Eles que bateram no congo ajoelhados para receber a liberdade... Trata festa de congo, mas não é não, é Festa de São Benedito. (Seu Bini Cassimiro, 2006)

O calendário das festas de congo em São Pedro é feito de forma a não coincidir com o calendário de Piabas, para que as duas comunidades vizinhas participem uma dos festejos da outra. Em São Pedro, o ciclo



Apresentação da banda de congo de São Pedro



Quilombolas tocando congo

festivo inicia-se no dia 13 de dezembro, em homenagem a Santa Luzia. Os integrantes da banda de congo vão até a mata para cortar um “varão”, que servirá de mastro a ser fincado no dia da festa de São Benedito. O corte do varão é acompanhado por cantigas específicas como o exemplo cantado por Seu Jaci:

Pau rolou, caiu e lá na mata sumiu
 Pau rolou, caiu e lá na mata sumiu

O mastro fica na casa do capitão até dia 31 de dezembro. Neste dia, uma pessoa designada “rouba” e esconde o mastro, em um local conhecido apenas por ela e pelo capitão. No dia 1º de janeiro, considerado pela comunidade como Dia de São Benedito, todos participantes do festejo saem à procura do mastro, que deve estar bem escondido para a festa durar mais tempo. Durante a busca eles cantam:

Nosso mastro foi roubado,
 Quem roubou tá multado.
 Nosso mastro foi roubado,
 Quem roubou tá multado.

O encontro do mastro é festejado com a cantiga:

Oh cadê nosso mastro?
 Oia ele aqui!
 Oh cadê nosso mastro?
 Oia ele aqui!

A banda então segue em procissão até a igreja, carregando o mastro com ela. O momento mais importante da festa é a fincada do mastro no entorno da igreja. Ele permanece fincado até o domingo de páscoa, quando sua retirada encerra as festas de São Benedito. As bandas de congo, no entanto, se apresentam também em outras épocas do ano, em outros eventos e festejos.

O cotidiano de São Pedro: lazer e trabalho

Os quilombolas de São Pedro costumam seguir um padrão de habitação: os parentes mais próximos moram perto uns dos outros. Assim, formam áreas divididas por proximidades de parentesco, dentro do território mais amplo. Em cada uma dessas áreas, há vários núcleos familiares (marido, esposa e filhos solteiros) com ligações próximas de parentesco. Mas os parentes que residem em áreas diferentes também mantêm relações de solidariedade no cotidiano: as diferentes famílias se visitam, trocam favores ou utensílios domésticos, as crianças brincam juntas.

As casas são de madeira e, os quilombolas contam que as mais antigas foram construídas utilizando madeira da mata do entorno, com o trabalho dos próprios quilombolas, que cortavam as árvores utilizando o *grupião*, um tipo de serrote bastante usado antigamente. A chegada dos antepassados ao território foi marcada pelo desafio de transformar a região de mata densa em um lugar de moradia. Nesse momento, o trabalho dos *derrubadores*, que com seus machados e *grupiões* abriam o terreno, foi muito importante. Essas atividades de derrubada tinham um baixo impacto ambiental, quando comparamos ao impacto das serrarias, das grandes lavouras de café e da pecuária desenvolvidas na região por



Quilombolas utilizando o grupião



Casa da Sra. Maria Vicente



Casa do Sr. Cícero



não quilombolas, e que resultaram em uma acelerada taxa de desmatamento, inclusive de áreas do território do quilombo.

Nos momentos de lazer, uma das atividades mais apreciadas pelos quilombolas de São Pedro é jogar futebol, uma preferência masculina. A pescaria já é praticada principalmente pelas mulheres. Tradicionalmente, os times de futebol do quilombo têm um dono. Os jogos antigamente eram realizados nos campos na comunidade vizinha, Piabas, e hoje acontecem no campo da família Estevão Corola, na localidade de Rio Lampê. Outra atividade masculina é conhecida por *roda de cachaça*, quando os homens, no fim de semana, vão à casa de parentes levando cachaça para compartilhar enquanto conversam.

Outro divertimento apreciado são os churrascos, que acontecem no quintal das casas. O anfitrião oferece a carne para comemoração, por exemplo, de uma boa colheita, ou um aniversário. O churrasco é acompanhado de cerveja, cachaça, e música. Nos dias quentes, os quilombolas também gostam de ir a alguma cachoeira da região, o que agrada especialmente aos jovens e às crianças. A preferida é a Cachoeira dos Monfardini, uma família italiana da região.

A principal atividade produtiva dos quilombolas de São Pedro é a agricultura. **As roças da comunidade são subdivididas em unidades conhecidas por *trilhas*. Cada núcleo familiar trabalha sua *trilha*, cuidando da sua lavoura. É comum, entretanto, uma parceria entre diferentes famílias na preparação do solo, na colheita e na divisão dos alimentos. E existe a parceria entre quilombolas que habitam casas diferentes, mas trabalham juntos em roças plantadas numa determinada área do território.**

A produção agrícola é voltada para o consumo das famílias. Os principais alimentos plantados em são: feijão, arroz, milho, mandioca, banana, café e cana-de-açúcar. E os únicos produtos eventualmente comercializados são o café e o eucalipto. Tanto homens quanto mulheres

trabalham na roça. O cuidado com a casa e com o quintal são atividades predominantemente femininas, e a derrubada de mata e a caça, eram atividades masculinas.

O cultivo das roças segue um calendário orientado pelos ciclos lunares, como explica o Sr. Jaci Vicente:

Época boa de plantar mandiba, madioca, a gente fala mandiba, é na lua cheia. Época de plantar o milho, ou feijão, é na minguante... se você plantar na outra lua ela cresce, o pé é tal, mas não dá raiz. Só dá aquela raiz fininha (Sr. Jaci Vicente)

A lua cheia é considerada ideal para o cultivo de plantas de raiz, como a mandioca, batata doce, aipim, cenoura, gengibre e inhame, além das sementes e frutas. A lua crescente é ideal para o plantio de cana e algumas espécies frutíferas e madeiras, pois favorece o crescimento dos caules. A lua minguante é a melhor fase para a semeadura e colheita do feijão e do milho, além da época ideal para cortar madeira. Na lua nova, considerada muito forte, não é recomendado fazer plantio.

Além do consumo de alimentos oriundos de sua própria roça, as famílias quilombolas também costumam trocar produtos entre si. A caça, muito praticada antigamente, hoje é bastante esporádica, devido às restrições impostas pelo Ibama e a diminuição das matas e dos animais. **Existem em São Pedro três farinheiras artesanais, chamadas quitungos, onde produzem farinha, beiju, araruta e polvilho, para consumo das famílias.**



Sr. Bosco mostrando a rede de pesca usada pelas quilombolas.



Piaba pescada pela filha de Sr. Bosco



A comunidade localiza-se em uma área de cabeceira de duas bacias hidrográficas, Piraquê-Açu e Reis Magos, abrigando em seu território várias nascentes de filetes d'água. A pesca, portanto, sempre fez parte da vida dos moradores, sendo tradicionalmente uma atividade feminina. Os moradores contam que é um costume antigo as mulheres se organizarem em pequenos grupos para pescar de vara ou de peneira. No entanto, esse costume vem enfraquecendo, devido à deterioração dos rios e córregos da região, represados nas fazendas para irrigar a agricultura ou para formar tanques para criação de peixes. Outro prejuízo à pesca da comunidade é a proibição do acesso a alguns rios e lagoas, localizados em propriedades cercadas por fazendeiros da região. **Atualmente, as mulheres pescam como um verdadeiro ato de resistência ao fazendeiro que se comporta como “dono do rio” e impede seu acesso, ameaçando as quilombolas. A tradição da pesca, mesmo hoje sendo uma prática restrita, gerou um repertório de saberes e técnicas muito importantes no quilombo.**

Outros recursos naturais do território são utilizados pelos quilombolas em seu cotidiano. Os cipós e taquaras são usados para confecção de vassouras, cestos e peneiras. Com o fruto seco do jequitibá rosa, são confeccionados cachimbos, utilizados pelos mais velhos para tragar fumo de rolo e de corda. A aricanga, uma árvore nativa, serve de matéria prima para a construção de bodoques, hoje usados em brincadeiras, mas antigamente usado para caçar. **Diversas plantas nativas são utilizadas para tratamentos medicinais. Os quilombolas de São Pedro chegam a mencionar 72 espécies de plantas nativas usadas tradicionalmente com essa finalidade.**

Com a diminuição do seu território, os quilombolas de São Pedro não conseguem suprir todas as necessidades apenas com suas lavouras, o que obriga a muitos terem que trabalhar para proprietários não qui-

lombolas. *Costumam utilizar o termo forte e fraco para caracterizar as condições de poder e dependência, comparando-se aos grandes fazendeiros da região: estes seriam os fortes, porque poderosos donos de muita terra, enquanto os quilombolas seriam os fracos. De acordo com eles, o fraco é aquele que precisa trabalhar para os outros.*

O trabalho para os fazendeiros se intensifica nos meses da colheita do café, quando famílias inteiras se deslocam diariamente para propriedades da região. Ou então migram para trabalhar em outros municípios, permanecendo até quinze dias fora de casa. Geralmente, as famílias já possuem vínculos com o fazendeiro que as procura na época da colheita. Chegam a dedicar até nove meses do ano trabalhando fora, restando-lhes pouco tempo para cultivar suas próprias roças. Esse ciclo de dependência é ressentido e constantemente denunciado pelos quilombolas. Como explica Seu Jaci Vicente:

A gente que vai com eles, porque eles são fortes, a gente é fraco.... eu não posso comprar adubo. Mas preparar a terra eu posso, né. Eles me dão adubo, eles me dão a planta. Eu sou fraco, eu preparo a terra com eles... A mão de obra é toda minha, de botar o café no ponto, no saco. (Seu Jaci Vicente, 2006)

Os quilombolas de São Pedro têm forte consciência sobre serem donos da terra - pelo direito ao reconhecimento de sua ocupação coletiva tradicional. Consideram que, embora hoje tenham relativa liberdade, é fundamental que consigam reaver as áreas perdidas, ao longo dos anos, e que tenham o título do território quilombola assegurado, para dedicarem seu tempo trabalhando para si, alimentando suas famílias com maior dignidade:

Nós temos que ter alguma coisa, porque a gente trabalha pros outros... com a terra a gente consegue parar de trabalhar pros outros, para fazer [nossas] plantações (Odete Vicente, 2006).

Esta narrativa foi escrita por Juliana Soares Campos a partir do "Relatório Técnico de Identificação da Comunidade Quilombola de São Pedro – Ibraçu/ ES", de autoria de Simone de Lima Machado, Célia Jaqueline Sans Rodríguez, Alba Soares de Aguiar, Dalívia Bento Bulhões, Jerônimo Amaral de Carvalho, em outubro de 2006. Todas as fotos foram retiradas do mesmo relatório.

Uma palavra da comunidade São Pedro

Minha mãe Maria Izabel Vicente, integrante mais velha da Comunidade Quilombola de São Pedro, explica que chegou aqui aos 12 anos de idade; ela, seus pais Cassilda dos Reis e João Vicente, com suas três irmãs Lúcia, Zilda, Zenilda e 3 irmãos, Jacy, João Bosco e José Carlos. Eles vieram de mudança, com uma tropa de burro, de Cachoeiro de Itapemirim para o local onde moramos até hoje. Conhecido no passado como Rio Bonito.

Os moradores sobreviveram com a mercadoria que trouxeram e logo passaram a trabalhar. Já a terra onde vivemos foi comprada por Manuel Vicente. Para pagar as terras, eles passaram por muita dificuldade: as refeições eram de paçoca de banana, sopa de inhame, taioba na água de sal, miúdos de boi, entre outros. Eles dormiam dentro de um cocho de fabricar farinha e apanhavam café. Minha mãe lembra que seu pai, João Vicente, ia na mata e retirava cipó com seu filho Jacy para fazer vassouras, vender e ter o que comer.

As moradias eram feitas com varas finas para amarrar junto ao barro. São casas de estuque e chão de barro. A noite era muito fria, então fazíamos fogueira no chão da casa para nos aquecer. Com o passar do tempo, as coisas foram melhorando e já tínhamos o que plantar e vizinhos conhecidos que nos davam filhote de porco, à meia. Com o tempo, as crianças foram crescendo e estudando na escola da comunidade vizinha.

Hoje somos aproximadamente 40 famílias. As crianças contam com transporte escolar, temos uma agente de saúde moradora de São Pedro, temos luz elétrica e um carro de uso dos moradores para reuniões e deslocamentos para atendimento médico. Há uma grande expectativa em se concretizar o projeto de construção de novas casas. Antes disso, tivemos o nosso primeiro reconhecimento: Um monge que cuida do mosteiro Zen Budista de Ibiracú veio conhecer nossa comunidade. Ele soube que somos uma comunidade negra e que tínhamos uma banda de congo. Então, ele nos prestou homenagem em Ibiracú.



Confecção de vassoura de cipó

O fato é que sofremos muito com a discriminação e perseguição por parte de pessoas preconceituosas. Em dado momento, além dos xingamentos racistas (macaco!), uso de tábuas com pregos para furarmos os pés, assistimos também a tentativa de destruição da igreja e do galpão onde fazemos as festas da comunidade: quebraram a imagem da santa “Nossa Senhora de Aparecida”; jogaram a bíblia no chão, quebraram bancos, pilastras, tudo com golpes de machadada.

O fato é que transformamos dor em alegria. Demos parte na polícia e fomos acolhidos pelo vice-prefeito do município, que por sua vez, mobilizou duas pessoas: uma da área de direitos humanos e a outra representante das comunidades quilombolas do Espírito Santo. Após intensos diálogos com os moradores, aceitamos o estudo da comunidade em parceria com a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Esse estudo ocorreu durante alguns anos, e logo em seguida, nós fomos reconhecidos como uma “comunidade quilombola”.

Palavra construída por Valdirene Paulo, moradora da Comunidade Quilombola de São Pedro. Nascida em 05 de maio de 1968, moradora da comunidade e filha de Maria Izabel Vicente.

Projeto Formulação de uma Linguagem Pública Sobre Comunidades Quilombolas

PARCERIA	INCRA/CGPCT/NEAD; UFMG/OJB, CERBRAS
COORDENAÇÃO GERAL	Lilian C. B. Gomes, Juarez Rocha Guimarães, Maria Consolação Lucinda, Leonardo Avritzer, Rodrigo Ednilson de Jesus
CONCEPÇÃO DE TEXTO, EDIÇÃO FINAL E SUPERVISÃO	Fernanda de Oliveira, Rodrigo Ednilson de Jesus, Juliana Soares Campos e Carlos Eduardo Marques
CONSULTA ÀS COMUNIDADES	Aline Neves Rodrigues Alves, Marilene Ribeiro
ADMINISTRAÇÃO	Agnaldo P. Ferreira Júnior, Priscila Z. Martins, Danúbia Zanetti
MAPAS E FOTOGRAFIAS	Alexander Cambraia N. Vaz
PROJETO GRÁFICO	Paulo Schmidt

C198c cq Campos, Juliana Soares

Comunidade Quilombola de São Pedro / Juliana Soares Campos. - Belo Horizonte : FAFICH, 2016.

16 p. (Terras de quilombos)

Baseado no Relatório Técnico de Identificação da Comunidade Quilombola de São Pedro — Ibirapu/ ES.

1. Quilombos. 2. Antropologia. 3. Relatório técnico de identificação da Comunidade Quilombola de São Pedro — Ibirapu/ES.I I. Título. II. Série.

CDD:306

CDU:39

JOSÉ RICARDO RAMOS ROSENO
Secretário Especial de Agricultura Familiar
e do Desenvolvimento Agrário

JEFFERSON CORITEAC
Secretário Executivo Adjunto de Agricultura
Familiar e do Desenvolvimento Agrário

CARLOS EDUARDO BOVO
Diretor da Coordenação-Geral de Gestão
Estratégica, Monitoramento e Avaliação
(CGMA/ NEAD)

WILLY DE LA PIEDRA MESONES
Coordenador-Geral de Gestão Estratégica,
Monitoramento e Avaliação (CGMA/ NEAD)

LEONARDO GÓES SILVA
Presidente do Instituto Nacional de
Colonização e Reforma Agrária - Incra

ROGÉRIO PAPALARDO ARANTES
Diretor de Ordenamento da Estrutura
Fundiária - Incra

ANTONIO OLIVEIRA SANTOS
Coordenador Geral de Regularização
de Territórios Quilombolas - Incra

GUILHERME MANSUR DIAS
ISABELLE ALLINE LOPES PICELLI
JULIA MARQUES DALLA COSTA
Coordenação Executiva do Projeto

SERVIÇOS QUILOMBOLAS
Apoio técnico – Superintendências do
Incra nos estados

A Coleção Terras de Quilombos reúne um conjunto de

narrativas a respeito da formação, do modo de vida e das lutas travadas por comunidades quilombolas brasileiras para se manter em seus territórios tradicionais. Em cada livreto, uma comunidade quilombola é apresentada em sua singularidade.

Ao todo, a Coleção oferece um panorama da diversidade de trajetórias vividas por ex-escravizados – incluindo por vezes indígenas e grupos em outras situações sociais – para conquistar a sua independência e se estabelecer na terra autonomamente. O fato de terem sido deixados à própria sorte após a Abolição resultou em uma multiplicidade de caminhos percorridos para conseguirem consolidar os seus territórios. Foram muitos os modos como ocuparam as suas terras e distintas as maneiras como formaram as suas comunidades, enfrentando todo tipo de desafios para se relacionarem livremente com seu entorno.

O conceito de quilombo esteve associado ao período da colônia e do império. Com a Abolição, os quilombos deixaram de ser mencionados, como se o fim de quatro séculos de escravidão significasse a garantia de liberdade. No entanto, os quilombolas continuaram e continuam a lutar para reproduzir seus modos de criar, fazer e viver, resistindo às dificuldades, injustiças e preconceções legadas pelo período escravocrata. São essas as histórias narradas nesta Coleção. São histórias do Brasil vistas pelo prisma de quem, com suas tradições, formas de vida, religiosidades e respeito à terra, enriquece o mosaico da sociodiversidade brasileira.

UFMG

CERBRÁS
CENTRO DE ESTUDOS
RURAIS E AMBIENTAIS

IB
CES - AL

Quilombos

INCRA nead

SECRETARIA ESPECIAL DE
AGRICULTURA FAMILIAR E DO
DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

CASA CIVIL

BRASIL
GOVERNOS UNIDOS